Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal do Brasil **Class.:** 544

Data 12 de Julho de 1992 **Pg.:** 5

Mambembando na floresta

O diretor João das Neves prepara peça sobre tribo do Acre

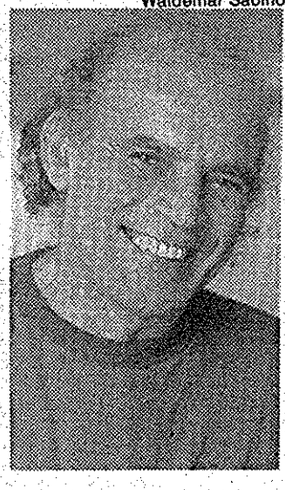
ROSELENA NICOLAU

BELO HORIZONTE — Seguindo a trilha de trabalhar com oficinas de teatro fora do eixo Rio-São Paulo e sempre utilizando atores amadores, o diretor João das Neves fez uma parada na periferia de Belo Horizonte, mais exatamente no Parque Fazenda Lagoa do Nado, área ecológica preservada pela prefeitura. Foram quatro fins de semana seguidos, durante o mês passado, em que encenou *Primeiras estórias*, uma adaptação de dez contos do livro homônimo do romancista Guimarães Rosa. Mais uma vez João das Neves mantém em suas montagens a tradição de um aproveitamento especial do espaço cênico. Daqui a três meses, estréia, com propostas parecidas, a peça *Yuraya: o rio do nosso corpo*, sobre a saga da tribo Kaxinauá.

Primeiras estórias é uma composição de quadros, com temática e dinâmica próprias, que se passam em diferentes locais do parque — que ocupa 300 mil m² na região norte da capital. Os esquetes foram montados em espaços abertos e fechados. Desse modo, enquanto apenas duas pessoas podem assistir ao quadro *Nenhum, nenhuma* (que é encenado no quarto de um casarão), cerca de 300 acompanham *Soroco, sua mãe e sua filha*, no teatro de arena. Na varanda do casarão acontece *Famigerado*, onde os personagens jogam um xadrez diferente, e, numa sala que comporta 12 espectadores, é encenado *Espelho* — quadro saído de *Grande sertão: veredas*, em que o personagem Riobaldo faz um trato com o demônio.

São representados ainda *Terceira margem do rio*, a que o público assiste percorrendo a margem da lagoa, *Fatalidade*, nada mais do que *causos* de violeiros contados ao redor de uma fogueira, e *Irmãos Dagobé*, com atores trabalhando dentro de uma piscina vazia. De tão variado, o espetáculo de João das Neves, para ser bem visto, requer dois dias de cada espectador. "O resultado é muito gratificante", garante o diretor. Não é a única novidade do inquieto João das Neves. Vivendo no Acre há quatro anos, ele prepara para outubro a estréia de *Yuraya*, como resultado de uma pesquisa junto à nação indígena Kaxinawá.

Waldemar Sabino



Cena da peça Primeiras estórias, *dirigida por João das Neves (ao lado) em Belo Horizonte: atores amadores como o de seu grupo acreano, o Poronga*

João das Neves fundou, em 1973, o núcleo baiano do lendário Teatro Opinião. Lá, realizou vários trabalhos com grupos populares. Com o fim do Opinião, começou a viajar intensamente pelo país, montando oficinas de teatro, até que foi parar no Acre. "Rio e São Paulo já estavam saturados. Fui em busca de renovação, até para escrever", conta. A convite do Conselho Nacional dos Seringueiros, do qual o sindicalista Chico Mendes era um dos líderes, João das Neves tornou-se responsável por uma oficina com atores acreanos de origens absolutamente ecléticas: havia, entre outros profissionais, motoristas de táxi, empregadas domésticas e também estudantes universitários. A oficina acabou se transformando no grupo Poronga (nome da lamparina de cabeça usada pelos seringueiros), que fez sucesso na montagem de *Tributo a Chico Mendes*, peça com texto e direção de João das Neves, já exibida em Rio Branco, no Rio, em São Paulo, em Belo Horizonte e em Londrina.

É com este grupo que o teatrólogo vai montar *Yuraya*. Para escrever o texto, João das Neves visitou por diversas vezes — chegou a passar quatro meses ininterruptos na aldeia — a tribo dos índios Kaxinawá, na fronteira do Acre com o Peru. A tribo mantém contato com o *homem branco* há 100 anos, mas acabou se dispersando. Há dez anos os índios se reuniram novamente e se tornaram uma liderança na proteção da reserva extrativista da Amazônia.

"No Acre está sendo possível, apesar das dificuldades financeiras, desenvolver experiências enriquecedoras, tentando sempre trabalhar a questão espacial, uma preocupação constante em sua história", conta João das Neves. E completa o raciocínio: "Eles têm uma tradição oral muito grande e demonstram todo o fascínio, mistério e dureza da Floresta Amazônica." O Poronga já conquistou currículo expressivo e vez por outra recebe convites para apresentações dentro e fora do Brasil. *Yuraya*, antes mesmo da estréia em Rio Branco, já foi convidada para participar de um festival de teatro em Berlim, em 1993. Dali o grupo pretende iniciar uma série de espetáculos pela Europa e América Latina, representando também outros textos de João das Neves.